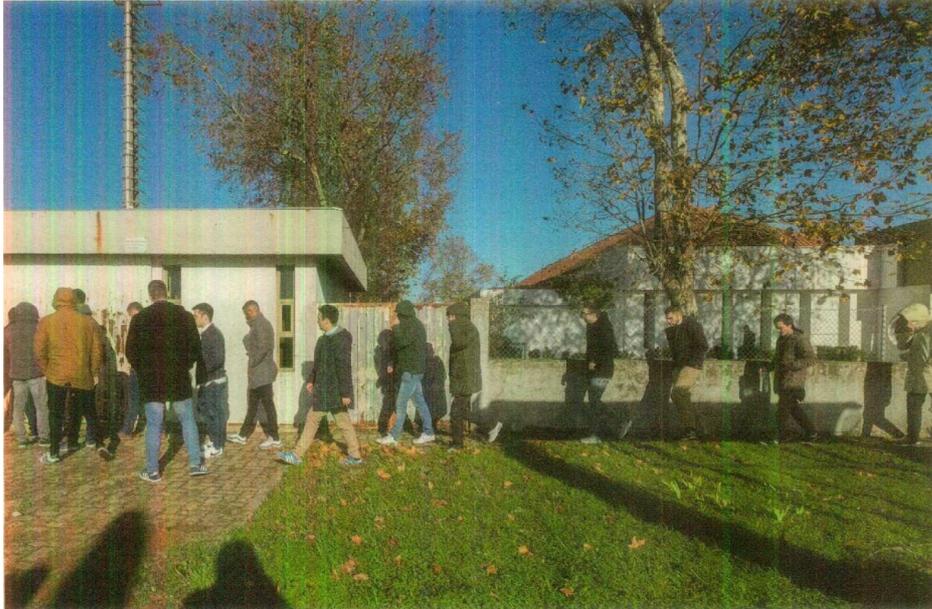




<p>i</p> <p>20-11-2019</p>	<p>Periodicidade: Diária</p>	<p>Temática: Justiça</p>
	<p>Classe: Informação Geral</p>	<p>Dimensão: 652 cm²</p>
	<p>Âmbito: Nacional</p>	<p>Imagem: S/Cor</p>
	<p>Tiragem: 14000</p>	<p>Página (s): 4</p>



Julgamento começou esta segunda-feira. Muitos arguidos foram dispensados de assistir

BRUNO GONÇALVES

A invasão de Alcochete segundo os GNR. Defesa diz que auto de notícia é nulo

Testemunha admitiu que só assinou o auto de notícia um ou dois dias depois do ataque. Outro militar descreveu o estado de espírito dos jogadores.

CARLOS DIOGO SANTOS
carlos.santos@online.pt

Na segunda sessão do julgamento da invasão à academia de Alcochete eram para ser ouvidos seis militares da GNR, mas só houve tempo para três. E o último foi acusado pela defesa de ter produzido um auto de notícia dos acontecimentos nulo.

Durante a manhã foi ouvido apenas um dos militares da GNR de Alcochete que estiveram dentro da academia do Sporting no dia em que tudo aconteceu - 15 de maio de 2018. A testemunha começou por contar que os elementos que levaram a cabo o ataque ainda foram vistos a fugir, com capuzes, e adiantou que se recordava de um dos carros envolvidos - um BMW que quase levou à frente um carro de patrulha que tentou travá-lo.

Ainda assim, disse não ter conseguido ver a cara de quem seguia nessa viatura.

Já sobre o cenário que mais tarde acabou por encontrar no balneário, o mesmo militar explicou que apenas viu tudo remexido, algumas coisas danificadas e sangue no chão. "Não me recordo de me ter cruzado com algum jogador do Sporting", afirmou perante o coletivo de juizes e as defesas, deixando claro não ter visto ninguém ferido. Este foi um tema sobre o qual a testemunha acabaria por ser questionada por Aníbal Pinto, advogado de quatro arguidos.

Quanto aos elementos em fuga, garantiu que foram chamados reforços para tentar localizá-los. Já depois de a sessão ter sido interrompida para almoço, o advogado Aníbal Pinto pronunciou-se sobre a reconstituição

que foi pedida pela defesa do ex-presidente leonino Bruno de Carvalho: "Não faz sentido uma reconstituição [...] o que podia ser importante era uma visita ao local, fala-se em portas de vidro, portas fechadas, saídas de emergência..."

Já da parte da tarde foi ouvido o militar que conduzia o primeiro carro a chegar a Alcochete, que começou por explicar que a prioridade foi perceber se havia ainda algum dos invasores dentro das instalações: "O vigilante que estava na portaria disse que já tinham saído todos. Então voltamos para trás para tentar identificar os fugitivos. Na altura vi uns 30 indivíduos, alguns encapuzados, outros não. E cinco ou seis carros no parque", disse, fazendo referência ao BMW já referido pelo colega.

"Recordo-me de falar com o Rui Patrício. A minha função ali era dizer aos jogadores para esperarem no local, que alguém iria falar com eles. O ambiente que vi era misto", acrescentou André Medinas, dando exemplos de jogadores que estavam mais agitados e outros que não apresentavam grande nervosismo, como era o caso de Mathieu. E disse não se recordar se terá ou não visto Bruno de Carvalho junto ao balneário.

O último a ser ouvido foi o comandante do posto da GNR de Alcochete, Márcio Alves. Depois de ter sido avisado pelo diretor de segurança da academia, contou, começou por enviar um carro-patrulha, tendo depois, com a escalada da violência, ido diretamente para o local.

Perante o coletivo disse, no entanto, não se lembrar como estava o balneário. Mas as dúvidas começaram quando a defesa de um dos arguidos, a cargo de Miguel Matias, questionou o militar sobre quando teria assinado o auto de notícia, ao que este disse ter sido no dia a seguir ou dois dias depois. Perante tal informação, a defesa pediu a nulidade do documento, sendo depois sugerido por outro advogado que quem esteve no local fora o comandante distrital da GNR de Setúbal, e não Márcio Alves. Para Miguel Matias, esta situação vem demonstrar as incoerências de todo este caso.

Citações

"Não faz sentido uma reconstituição [...] o que podia ser importante era uma visita ao local, fala-se em portas de vidro, portas fechadas, saídas de emergência..."

Aníbal Pinto
ADVOCADO DE QUATRO ARGUIDOS

"O vigilante que estava na portaria disse que já tinham saído todos. Então voltámos para trás para tentar identificar os fugitivos. Na altura vi uns 30 indivíduos, alguns encapuzados, outros não. E cinco ou seis carros no parque"

"Recordo-me de falar com o Rui Patrício. A minha função ali era dizer aos jogadores para esperarem no local, que alguém iria falar com eles. O ambiente que vi era misto"

André Medinas
MILITAR DA GNR

"Estamos a falar de órgãos de polícia criminal que remetem um auto bastante grande ao MP que, afinal, antes de o ser já o era. Não foi feito no dia 15, mas no dia 16 ou 17. Este auto não corresponde à factualidade"

Miguel Matias
ADVOCADO DE UM DOS ARGUIDOS